

A RELEITURA DE LICURGO NAS ANTIGÜIDADES JUDAICAS (AJ) DE FLÁVIO JOSEFO (1)

Diego Lopes da Silva (PEJH/UNB)

O tema que venho apresentar nesta comunicação diz respeito à releitura de Licurgo, e a forte ligação deste personagem com a figura de Moíses, personagem bíblico que remonta a uma tradição antiga do povo hebreu, vale ressaltar que as Antiguidades Judaicas de Josefo se mostra como uma obra não somente para explicar as tradições judaicas, mas para mostra o poderio da nação judaica perante o império romano, inclusive o título da obra é inspirado nas Antiguidades Romanas de Dionísio de Halicarnasso (2). O que nos faz pensar que Josefo tenta mostrar desde a criação até o jugo da comunidade judaica sob a égide do império romano, que Deus estava no controle da nação judaica mesmo nos momentos de cativo e que sua glória em muito superava em antiguidade e beleza as tradições pagã, quer seja romana ou grega.

O objetivo principal é mostrar uma possível influência de Licurgo sobre os escritos de Flávio Josefo; Licurgo foi um lendário legislador de Esparta, Heródoto fala sobre sua pessoa no século V, porém o mais plausível é que sua existência date do século VIII a.C. Dentre algumas leis estava alguns de caráter mágico e sobrenatural, que segundo a lenda teria sido entregue pelo oráculo de Delfos, caráter que se aproxima das leis judaicas descritas por Josefo e que em grande parte nos remonta a caracteres simbólicos só entendidos na sua complexidade pelos judeus, outro aspecto relevante é a proximidade entre Licurgo e Moises, ambos são legisladores e que se utilizam um forte viés religioso para endossar suas leis, ambos queriam que seus respectivos povos tivessem um senso de seguridade e severidade já perdidos ao longo dos tempos.

Já adentrando a temática desenvolvida ao longo desta comunicação observa-se que no prefácio as Antiguidades Judaicas, a forte tendência religiosa que Josefo irá tratar no decurso de seu trabalho, e pegando como

fonte para mostrar o início da história humana como “bom” judeu que era o livro de Gênesis e comentando as passagens e as partes que parecem mais claras para tentar evidenciar por meio da releitura dos escritos sagrados a antecedência do povo judeu em detrimento dos demais povos. Como na época dos escritos de Josefo creditava-se a Moisés a autoria dos cinco primeiros livros do cânon sagrado hebraico, chamado posteriormente de Pentateuco (3), Josefo fala a seguinte expressão quando vai tratar de Moisés pela primeira vez na sua obra:

“(...)Exorto, portanto, a todos os que lerem este livro a se conformarem com a vontade de Deus e a notarem em Moisés, nosso excelente legislador, como ele falou dignamente de sua natureza divina, como fez ver que todas as suas obras são proporcionadas à sua grandeza infinita e toda a narração que ele faz é pura e isenta de todas as fábulas que vemos nas outras histórias. A sua antiguidade por si mesma põe a salvo de toda suspeita, que se poderia suscitar de que ele tinha misturado em seus escritos algo fabuloso, pois ele vivia a mais de dois mil anos; que são os séculos que precederam todas as ficções dos poetas, os quais não ousaram elevar tão alto nascimento de seus deuses e ainda feitos de seus heróis e as determinações de seus legisladores(...)”. – Prefácio da AJ

Josefo utiliza neste trecho o tempo como argumento de autoridade a fim de mostrar a veracidade das informações prestadas por Moisés, e também a “cutucar” a tradição e cultura grega, quando ele fala de ficção dos poetas e feitos dos heróis, ao meu ver parece uma clara alusão à idade dos heróis (4) que de certa forma nos é demonstrada nos poemas homéricos, e que segundo Josefo não passava de invenção poética do autor com a finalidade de demonstrar um caráter heróico do seu povo e sua descendência proveniente diretamente dos deuses, chocando assim com aquilo que Josefo coloca na sua obra, que o homem foi criado por um único Deus (YAHWEH), e que deste

homem ele suscitou a formação do povo hebreu através da figura de Abraão e posteriormente do povo judeu na figura de Moisés.

Quando ele começa a tocar na área da legislação, Josefo propõe que para ser um bom legislador o homem necessitaria primeiramente conhecer a Deus:

“(...)Devemos, pois, notar que esse grande homem (Moisés) acreditava que aquele que quer viver virtuosamente e dar as leis aos outros, devia começar por conhecer a Deus e depois de haver atentamente considerado todas as suas obras, esforçar-se quanto possível por imitar esse perfeito modelo. Pois, se não procedesse dessa maneira, como um legislador seria tal qual deve ser?E como poderia ele levar uma vida boa, os que lessem seus escritos, se ele não lhes dissesse antes de tudo que Deus é o Pai e o Senhor de todas as coisa(...).”

Da mesma forma que Licurgo tomou as leis do oráculo de Delfos, as leis que deveriam reger o povo, e tinha ele o conhecimento de sua divindade e prestava culto como sacerdote religioso e líder político. Da mesma forma Moisés tinha conhecimento do seu Deus, o contato como mostra em Ex 3.1-10, era real ele via e sentia a presença de Deus, e como ordenança de Deus para sua pessoa era que ele guiasse seu povo pelo deserto e lá ele daria as leis necessárias para o povo de Israel. Josefo acreditava que as outras leis compiladas eram fábulas visto que segundo sua crítica levava os homens a cometerem maiores pecados como a adoração de falsos deuses e a realização de cultos “infames” como claramente nos faz observar:

“Os outros legisladores, que seguem as antigas fábulas não tem vergonha de atribuir aos seus deuses os pecados mais infames e levam assim os homens já maus, por si mesmos, a cometer toda espécie de crime. Mas nosso admirável legislador, depois de ter feito ver que Deus possui todas as virtudes em soberana pureza, mostra que os homens devem se esforçar, quanto possível por imitá-lo de alguma maneira e fala com força maravilhosa

contra a imprudência daqueles que não recebem com profundo respeito às instruções tão retas”. (AJ – Livro II, cap. 4, vv. 86-93)

Observa-se que a crítica de Josefo pertinente a fábulas vivida pelos outros legisladores e explicada no sentido dele ter a intenção de mostrar Moisés como o único legislador sensato, e que através de suas leis todas as nações de certa forma se espelharam, mesmo que seja para o bom quanto pro mau proveito. E que o verdadeiro legislador deve ser um espelho de Deus para o povo, já que ele recebe as ordenanças divinas e deve transmitir ao povo da mesma forma que recebera.

Entretanto vale ressaltar que possa ter existido uma pequena influência do ponto de vista histórico do código de Hamurabi (5) sobre as leis dadas no Sinai para Moisés, em linhas gerais podemos concluir de forma básica que ambas utilizam o princípio do olho por olho e dente por dente, e pelo menos no nível mítico Hamurabi é anterior a Moisés, logo a exclusividade e a primazia (6) das leis por Moisés e fato historicamente colocado como inverídico. Observa-se, porém que em muitas partes quer seja da lei de Moisés quer seja do Código de Hamurabi há bastantes divergências (7) no que tange a roubo, escravos, casa, incesto e outros.

Voltando a nossa temática se analisa ao longo das passagens que Josefo narra sobre Moisés tem uma forte similariedade em relação à narração de Heródoto de Halicarnasso (8) sobre Licurgo, parece que ambos se servem de um “lucus” comum a fim de explicar o surgimento e consolidação das leis e da ética nas suas respectivas nações.

Na descrição de Moisés feita por Josefo há caráter míticos e especiais desde seu nascimento que segundo ele:

“(...)foi predito por um oráculo que o Libertador iria nascer pela concepção de Joquebede sua mãe(...)”.(AJ – Livro II, cap. 2, v. 87)

“(...)À medida que Moisés crescia, demonstrava muito mais espírito e inteligência do que sua idade o permitia, mesmo brincando ele dava sinais que um dia seria algo de grande extraordinário(...)”.(AJ – Livro II, cap. 2, v. 89)

Seus atos de coragem não se consistiram única e exclusivamente em relação ao povo hebreu, na sua juventude Josefo narra que ele foi um dos comandantes do exército mais populares do Egito, e que as batalhas comandadas por ele eram sempre vencidas pelos egípcios, já mostrando sua missão especial. Muitos dos egípcios vendo que a presença de Deus era visível na vida dele, intentaram matá-lo, e convenceram o Rei a persegui-lo afirmando que Moises em pouco tempo destronaria a majestade, Moises acabou descobrindo o plano maligno do Rei de matá-lo e fugiu para o deserto (9), atrás do deserto Moisés recebe o chamamento de Deus para livrar o povo hebreu da opressão do Egito.

Outro fato que é claramente uma releitura de Licurgo é exatamente o modo como se deu à perseguição em ambos tanto em Moisés quanto em Licurgo, os reis de suas respectivas nações viam em suas pessoas um perigo real para seu trono, pois observavam neles uma sabedoria excelente que era muito além daquilo que eles possuíam mesmo sendo reis.

Licurgo que repeliu a proposta da viúva de seu irmão Polidecto, que se caso ele cassasse com ela, ela que estava grávida de seu irmão, faria um aborto; e logicamente Licurgo seria aclamado imperador. Entretanto, ele dotado de um elevadíssimo censo ético foi o primeiro a declarar ao nascer-lhe o sobrinho: “Eis o rei que nos nasceu!”. Tanto Moisés quanto Licurgo são perseguidos depois de rejeitarem as glórias que poderiam advir do Egito e Esparta, respectivamente. Enquanto Licurgo se refugiou em Creta depois da rainha incentivar uma forte perseguição a sua pessoa, o Faraó egípcio também perseguiu Moises, por que via nele uma pessoa que tinha um espírito excelente segundo a narração de Josefo, sendo exatamente o mesmo motivo da perseguição da rainha a Licurgo em Esparta.

Segundo aspecto presente em Licurgo e apropriado por Josefo para discorrer sobre a vida de Moisés (10) é a questão do censo ético e o caráter moral que seguia a vida de ambos, isto é a vida desses estimados legisladores foram pautadas pela verdade e por uma vida condizente com suas funções sociais e políticas, ambos apesar de serem estudados em toda a ciência de suas respectivas “pátrias”, ele relevaram sua descendência real e colocaram como prioridade ser exemplo de uma ética e moral que muito sobrepujava a dos reis e rainhas de suas nações. Em Moises a ética, moral e fidelidade a Deus comandaram sua vida de forma tão grande que Deus segundo Josefo havia batalhas que as mãos de Moisés comandavam o decurso da batalha, observe o texto de Josefo a seguir:

“(...) Logo depois os dois exércitos chocaram-se com extremo ardor, de parte a parte e, como os chefes tudo haviam feito para animá-los, o combate foi muito acirrado. Moises, por sua vez, combatia com suas orações, tendo notado que quando suas mãos estavam erguidas para o céu, os seus levavam a melhor e quando, ao invés, o cansaço o obrigava a abaixá-las, os amalequitas levavam vantagem, rogou a Arão seu irmão, que sustentasse um de seus braços e a Hur, seu cunhado, que tinha desposado Miriã, sua irmã, que sustentasse o outro. Assim os israelitas ficaram plenamente vitoriosos e não teriam ficado um só dos amalequitas se a noite, que sobreveio, não tivesse dado ocasião a parte deles de se salvarem no meio das trevas(...)”.(AJ – Livro III, cap. 2, v. 109)

Observa-se que apesar da perseguição na vida de ambos Legisladores, a população tinha um crédito muito grande naquilo que eles falavam, no caso de Moisés a população queria até que ele resolvesse litígios e problemas básicos que não necessitariam de sua decisão, isto devido a tamanha fé que o povo tinha nele (AJ – Livro III, cap. 3, vv. 111-114), Licurgo também mesmo exilado pela rainha ganhou enorme admiração da população que via nele uma

Legislador que estaria a altura de Esparta, o que Josefo se apropriou e atribui a Moisés no caso Hebreu.

No tocante as leis, Moisés é tido como um canal entre Deus e o povo, no tocante ao discurso de Josefo com relação aos Mandamentos dado por Deus a Moisés para que este transmitisse a nação de Israel, o povo viu que seria bom ter leis que regessem sua nação, e pediram outras leis para Moisés, conforme nos descreve Josefo:

“(...)Nos dias seguintes(do povo ter recebido o decálogo) foram por várias vezes procurar Moisés em sua tenda, para rogar-lhe que lhe obtivesse de Deus, leis para a sua política e para o governo da República. Ele prometeu e o fez algum tempo depois(...)”.(AJ – Livro III, cap. 4, vv. 114)

Moisés conforme aquilo que prometeu ao povo realizou, começou através do decálogo e das revelações dada pelo próprio YAHWEH a sua pessoa, a codificar as leis e muitas tradições orais da nação judaica que já se arrastavam a séculos e que necessitavam de maior elaboração, Deus ordena a construção de um tabernáculo móvel para sua glória estivesse presente nele, as dimensões, os ornamentos e os sacrificadores foram designados por Deus, da mesma forma que Licurgo que não queria a missão de ser um comandante político recebeu o chamamento do oráculo de Delfos que sua missão estava na reestruturação política de Esparta, e as bênçãos do oráculo de Delfos era com ele da mesma forma que as bênçãos do Deus dos judeus era com Moisés. Ambos colocavam seu chamamento para o desempenho da missão como função prioritária de suas vidas.

A Legislação que Deus deu a Moisés conforme descreve Josefo é uma legislação dura e forte, como único meio de manter o povo judeu longe das aberrações cometidas pelas nações circunvizinhas e também manter uma unidade política por meio de um conjunto de leis de aplicação dura e severa.

Heródoto menciona sobre Licurgo exatamente o mesmo, Licurgo enquanto estava no exílio aprendeu muito sobre Leis e Costumes acabando

por concluir que em sociedades de vida mais frouxa no ponto de vista moral, o desenvolvimento humano é consideravelmente tolhido, funcionando mais eficazmente aquelas sociedades dotadas de moral mais rígida. Ele considerava a vida de prazeres e licenciosidade uma forma de escravidão e via liberdade e felicidade numa vida mais regrada, com um regime rígido, severo mesmo. Outra apropriação que Josefo faz de Licurgo, mencionada nas mesmas palavras modificando apenas o agente legislador. Observa-se que ambos tinham o convívio íntimo com suas respectivas divindades, e elas acabavam por mostrar o melhor caminho a ser seguido.

Josefo descreve a respeito das leis:

“(...)E para que nenhum de vós não se deixe levar para o mal, por ignorância, eu escrevi, por ordem de Deus, as leis que devais observar e a maneira como devais proceder, tanto nos negócios públicos, como nos particulares: se as observardes inviolavelmente sereis os mais felizes de todos os homens(...)”.(AJ – Livro IV, cap. 8, vv. 171-174)

Para observar a similariedade observe o que Heródoto diz de Licurgo:

“Esparta só será efetivamente próspera e feliz se todas as leis forem rigorosamente observadas”.

Observa-se que a felicidade é o seguimento das leis, somente se terá uma nação forte e próspera seguindo as leis dadas pelos seus legisladores, novamente Josefo se apropria da idéia de Heródoto e relê tomando Moises como o cerne.

O caos vivido pela cidade Estado só foi solucionado mediante a forte aplicação das leis elaboradas por Licurgo, da mesma forma em Josefo temos que somente a nação de Israel passa a ter uma coesão e uni-se depois que as leis são aplicadas e as punições são posta em prática quer seja pelo próprio Moisés, quer seja pelo Deus dos judeus.

Outro fator que vale a pena ser mencionado é relativo a forma de governo proposta por ambos legisladores: Licurgo implantou em Esparta o sistema de governo aristocrático (de *Aristoi* = Os Melhores e *cratos* = governo; “governo dos melhores”), sendo este na sua opinião o único meio de governo que pode manter a coesão e o respeito a leis, já que o acesso ao governo se daria somente por pessoas instruídas.

Josefo coloca a seguinte citação nas Antiguidades Judaicas a respeito do discurso de Moisés relativo a maneira de governo que deveria reger o povo hebreu:

“A aristocracia é sem dúvida maneira muito boa de governo, porque põe a autoridade nas mãos de várias pessoas do bem. Abraçai-a então, a fim de terdes por senhores só as leis que Deus vos d, pois que vos deve ser suficiente que ele queira ser vosso guia”. (AJ – Livro IV, cap. 8, v. 177)

A forma de governo a qual Licurgo implanta em Esparta e a mesma que em Josefo Moises considera como ideal para que o governo tenha participação somente de pessoas instruídas.

Como último aspecto que considero relevante ser abordado nesta comunicação é o caráter mítico e legendário dado pelos historiadores as figuras de Licurgo e Moisés, Heródoto mostra que toda a sociedade espartana que anterior a legislação de Licurgo era fragmentada e desordenada, se constitui numa das maiores *pólis* de todos os tempos, graças à sabedoria e excelência de um homem que tinha o espírito proveniente dos deuses, inclusive um templo foi erigido em sua memória.

Josefo mostra também o caráter mítico e excelente de Moisés conforme ilustra a seguinte citação:

“(...)Jamais homem algum igualou em sabedoria a este ilustre legislador, jamais alguém soube, como ele tomar sempre as melhores resoluções e tão bem pó-las em prática; jamais algum outro se lhe pode comparar na maneira de tratar com um povo, governa-lo e persuadi-lo, pela força de suas palavras.

Sempre foi tão senhor de suas paixões que parecia até que delas havia sido isento e que as conhecia apenas pelos efeitos que via nos outros. Sua ciência na guerra, pôde dar-lhe um lugar entre os maiores generais e nenhum outro teve o dom da profecia em tão alto grau; suas palavras eram outros tantos oráculos, e parecia que o mesmo Deus falava por sua boca. O povo chorou-o durante trinta dias e nenhuma outra perda lhe foi jamais sensível. Mas ele não foi chorado somente por aqueles que tiveram a felicidade de o conhecer, mas também por aqueles que conheceram as leis admiráveis que ele nos deixou, por que a santidade que nelas se nota não pode permitir dúvidas sobre a eminente virtude do legislador(...).”(AJ – Livro IV, cap. 8, vv. 176-177)

Em ambos suas leis têm caráter atemporal e sua virtude é exaltada pelos séculos e por aqueles que não viam sua pessoa, mas seguem suas leis como dadas pelas suas respectivas divindades. Josefo novamente coloca Moisés no pedestal como aquele que tem o espírito de Deus e que Deus falava por sua boca, e que nenhum outro se igualou em sabedoria, da mesma forma que Heródoto menciona Licurgo como homem que seguia os desígnos do oráculo de Delfos e que tinha na moral, na ética e na justiça o compromisso de sua vida, da mesma forma que Josefo menciona Moisés substituindo o oráculo pela figura de YAHWEH, porém a cerne acabara por ser reapropriada por Josefo.

Conclusão:

Observa-se uma clara ligação entre as figuras de Moisés e de Licurgo, essa divisa que parece mais afastada ao longo da descrição da TORAH, na leitura de Josefo essa linha se torna tênue, existindo inúmeros pontos similares e que foram reestruturados por Josefo a fim de mostrar a excelência do legislador judeu como homem íntegro e correto, sendo suas leis como boas para os homens. Exatamente o que Heródoto propõem anteriormente a Licurgo, podemos afirmar que a uma releitura clara de Licurgo na figura de

Moisés, outro ponto que podemos observar é a necessidade ao longo da narrativa de Josefo de mostrar a antiguidade das leis de Moises como fator de legitimidade e autenticidade de seus escritos, no intuito de exatamente mostrar a excelência do chamado da nação judaica e sua escolha exclusiva por parte de Deus, diferentemente das demais nações que basearam suas leis em derivações da mosaica ou leis de homens que nada poderiam se comparar as dados por Deus a Moisés, segundo a narrativa de Josefo.

Notas

(1) Para as Antiguidades Judaicas de Josefo (AJ), utilizei as edições da Loeb Classical Library e as edições CPAD de 1999, a primeira por ser a mais aceita no âmbito mundial entre os historiadores antigos; dentre eles: Steve Mason, Tessa Rajak, a segunda por ser um texto em português, porém, ressaltando um conjunto de falhas graves nesta tradução para nossa língua nativa.

(2) Historiador e crítico literário grego, nascido em Halicarnasso, Ásia Menor, por volta da metade do século I a.C. e falecido em data desconhecida (possivelmente fim do século I a.C. ou início do século I). Dionísio escreveu *Das antigüidades romanas*, que percorre a história de Roma desde seu início até cerca de 264 a.C., data em que começa a *História* de Políbio. Trabalhou nesta obra de 30 a 8 a.C. Depois de Tito Lívio, Dionísio de Halicarnasso é a melhor fonte para a compreensão da história antiga de Roma.

(3) Os cinco primeiros livros da bíblia sagrada, que tem por ordem a seguinte: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

(4) Prefácio a Antiguidades Judaicas.

(5) Utilizo para me referir à idade dos heróis a obra de Hesíodo; o trabalho e os dias, na qual ele busca iniciar uma divisão da história global, utilizando para isso a figura de metais como: ouro, prata, bronze e ferro, nesse esquema o único que não é metal incluso é a idade dos heróis, o que parece é que Hesíodo se apropria de uma mitologia que lhe é bastante anterior de origem

provavelmente indo-européia, e como tal esquema não se encaixa nos moldes da civilização grega ele insere a idade dos heróis como meio termo entre idade do bronze e do ferro.

(6) O Código de Hamurabi é um dos mais antigos conjuntos de leis já encontrados, e um dos exemplos mais bem preservados deste tipo de documento da antiga Mesopotâmia. Segundo os cálculos, estima-se que tenha sido elaborado por volta de 1700 a.C.

(7) Existem Outras coleções de leis antigas que incluem os códigos de Ur Nammu, rei de Ur (cerca de 2050 a.C., o código de Eshnunna (cerca de 1930 a.C.) e o código de Lipit-Ishtar de Isin (cerca 1870 a.C.). Sendo estas anteriores e contemporâneas de Moíses.

(8) Algumas partes da Torah abordam aspectos mais apurados de algumas seções do código de Hamurabi que tem a ver com o direito de propriedade, e devido a isso alguns especialistas sugerem que os hebreus tenham derivado sua lei deste. No entanto, o livro *Documents from Old Testament Times* (Documentos da época do Velho Testamento) diz: “Não existe fundamento algum para se assumir qualquer empréstimo pelos hebreus dos abilônios.”

(9) Para História de Heródoto utilizo basicamente o cap V e VI (Perpsícore e Erato), na edição publicada pela UnB, Universidade de Brasília com a tradução de Mário da Gama Kury.

(10) Josefo não mostra que um dos motivos para que Moíses fugisse para o deserto foi que ele acabara por matar um egípcio que tava oprimindo o povo hebreu em longas jornadas de trabalho escravo, como menciona o livro de Êxodo 2:11-18. A narrativa de Josefo é tendenciosa, entretanto o caráter mágico e espiritual deve ser ressaltado como verdadeiro, visto que pela narrativa Josefo se mostra crente em toda obra de Deus na vida de Moíses.

Bibliografia:

Bíblia de Jerusalém. 1985. São Paulo, Paulus.



- Feldman, L. 2005. *Flavius Josephus and Flavian Rome*, ed. J. Edmondson, S. Mason, and J. Rives, Oxford
- Hartog, F. 1988. *The Mirror of Herodotus*. Berkeley, University of California Press, CA.